Stéphane Beaud
Michel Pialoux

RETORNO À CONDIÇÃO OPERÁRIA

investigação em fábricas da Peugeot na França

Tradução
Mariana Echalar

BOITEMPO
EDITORIAL

ANEXO 1

OS DESAFIOS DO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO: O TRABALHO DE CAMPO

Não relataremos aqui os detalhes do desenrolar da investigação nem os diversos caminhos que tomou, porém insistiremos em sua duração. Começou em 1983, quando Michel Pialoux iniciou um trabalho por entrevistas com um OE da fábrica de Sochaux: Christian Corouge, militante cegetista e representante numa oficina da fábrica de carroceria[1]. O objeto desse trabalho biográfico consistia em estudar as formas particulares que a militância assumia numa oficina de OE. De certo modo, tal pesquisa abriu os caminhos que a reflexão tomaria em seguida. A investigação prosseguiu em diversas direções: mudanças do trabalho operário na fábrica de carroceria, atitudes dos operários e dos militantes sindicais diante da modernização. A partir de 1988, teve início a colaboração com Stéphane Beaud, realizada na esfera de um contrato de pesquisa com a Mipe (Missão Interministerial de Pesquisa e Experimentação do Ministério do Trabalho[2]). Depois de três anos de trabalho em comum sobre os operários da fábrica e o mercado de trabalho, nossas pesquisas tornaram-se autônomas, de certa maneira. Um prosseguiu sua investigação sobre as transformações da fábrica de carroceria com diferentes categorias de operários e o outro aprofundou a investigação sobre o sistema de formação inicial e as trajetórias escolares dos filhos de operários.

---

[1] Michel Pialoux conheceu esse militante por intermédio do cineasta Bruno Muel, que fez alguns filmes em Sochaux entre 1969 e 1973 e com quem Christian Corouge manteve contato. Na época, ele estava numa situação de enorme aflição sob diferentes aspectos: tinha a sensação de estar sendo perseguido pela "direção" da fábrica, estava com problemas familiares e sentia-se numa situação ambígua diante da maioria de seus camaradas militantes. O volumoso trabalho realizado em comum, afinal, tomou a forma de uma montagem de entrevistas, guiada por um fio teórico. Essa investigação resultou nas seguintes publicações: "Chroniques Peugeot", *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 52-53, 54, 57, 60, 1984 e 1985; e *Le militantisme ouvrier...*, relatório para o Comissariado geral do Plano, 1985.

[2] Esse contrato resultou num relatório de pesquisa: Stéphane Beaud e Michel Pialoux, *Ouvriers de Sochaux: l'affaiblissement d'un grupe. Hantise de l'exclusion et rêve de formation*, abr. 1993, 2 vol.

Contudo, ao longo dessa investigação a dois, nós nos preocupamos em estabelecer sistematicamente a relação entre as transformações ocorridas dentro e fora da fábrica (em especial as transformações no campo escolar local).

1. Uma investigação em diferentes dimensões do espaço social

Um trabalho do tipo monográfico, como o nosso, parece-nos constituir um quadro de pesquisa apropriado na medida em que oferece uma espécie de lente de aumento das evoluções que as estatísticas nacionais ou regionais não dão a perceber tão claramente, tornando possível assim a construção de esquemas de explicação que fazem aparecer mais nitidamente as lógicas sociais emaranhadas na complexa rede das mais diferenciadas zonas de emprego. Também permite captar, quase em estado de épura, os traços pertinentes do funcionamento do mercado de trabalho (uma região monoindustrial e uma empresa localmente muito dominante, como a fábrica de Sochaux) e inserir as transformações identificáveis durante certo lapso de tempo na história da fábrica, do grupo operário e da zona de emprego. Um trabalho do tipo monográfico ajuda a captar em suas interdependências as mediações sociais pelas quais entram em relação as empresas locais e o sistema de formação.

Portanto, tivemos incessantemente a preocupação de ligar entre elas as diferentes dimensões do espaço social. A pesquisa de campo, em particular por ter sido realizada a dois, permite estudar num mesmo espaço-tempo processos sociais habitualmente separados pela especialização dos objetos da sociologia (sociologia do trabalho, da escola, do *habitat*, do consumo etc.). Com isso, ela força o sociólogo a estabelecer a relação entre esses diferentes domínios, é um convite permanente à comparação e ao raciocínio em termos de relações sociais (entre grupos e subgrupos) e opera assim como que um instrumento de vigilância que alerta contra a tentação permanente de reificação dos grupos sociais. Situando os pesquisadores em diversas cenas sociais da vida cotidiana das classes populares – o domicílio das famílias operárias entrevistadas ou locais do espaço público como os supermercados, a praça do conjunto habitacional (onde residimos), as ruas comerciais de Montbéliard etc. – e da vida militante – o espaço sindical da CGT na fábrica, as reuniões do comitê de greve em 1989 no recinto da fábrica, a festa anual do *Lion Rouge*, as partidas de futebol organizadas pela CGT, o processo Fallot no Tribunal de Justiça etc. –, a pesquisa de campo ajuda a ver e a compreender que, por trás do operário produtivo ou do militante (o "trabalhador" aclamado pelos discursos de emancipação política operária), existe também o pai de família, o cidadão, o responsável pela associação, o torcedor de futebol, o consumidor. Pelas múltiplas facetas de um mesmo personagem social que ela deixa entrever, em momentos e em contextos sempre diferentes, a prática do "campo" regular, se não intensa, facilita o rompimento com a visão monolítica dos mundos sociais e, no caso em questão, do mundo operário.

Foi essa postura de pesquisa que ofereceu meios para refletirmos sobre o processo de estruturação–desestruturação do grupo operário que observamos durante quinze anos, graças em especial à constituição das trajetórias operárias (trajetórias escolares,

profissionais, residenciais, políticas). Foi essa postura também que nos levou a tomar alguma distância da temática da "exclusão", hoje predominante. Graças a uma presença longa em campo, a numerosas entrevistas realizadas ao longo de quinze anos com os membros das diferentes gerações operárias locais, nós procuramos, no trabalho de reconstituição dos dados de campo, fazer com que se sentisse o peso da história coletiva (história social das famílias, do grupo e da militância operária, mas também a história da empresa e do sistema escolar), que continua a incidir fortemente do ponto de vista material e da consciência dos indivíduos[3].

2. A duração como recurso de investigação[4]

O trabalho de investigação esforçou-se por captar no tempo esses diferentes fenômenos e, em especial, por medir as temporalidades próprias de cada um dos setores estudados: da fábrica (que deve ser diferenciada segundo os setores), do sistema de formação inicial (ensino profissionalizante e ensino geral), das instituições de gestão social, mas também dos agentes sociais e das famílias. Situando no centro de nossa reflexão a questão das defasagens temporais entre séries de eventos mais ou menos interdependentes, procuramos ir além da visão objetivista e compreender a maneira como experiências sociais subjetivas, vividas em diferentes campos da vida social, podem quadruplicar as transformações objetivas do mercado de trabalho local ou do sistema de educação nacional, cristalizando-se num certo tipo de atitude social e contribuindo para mudar as aspirações dos indivíduos.

A inserção da investigação no tempo, assim como o trabalho a dois, permitiu variar os pontos de vista sobre um mesmo objeto. Por exemplo, no início da investigação sobre a formação, conhecemos os entrevistados graças a diferentes redes que eram todas mais ou menos próximas do núcleo original de militantes OE. Os operários entrevistados tinham, na maioria, entre 35 e 50 anos e pertenciam a uma mesma geração operária e militante, muito marcada pela intensidade das lutas dos anos 1970, ainda que se diferenciassem por suas origens sociais e geográficas. O que mais impressionava era a semelhança dos pontos de vista coletados então: esses "velhos" OE penavam para manter o ritmo de trabalho, praguejavam pelos cantos contra as novidades organizacionais e empurravam os filhos em direção a uma fuga da fábrica. Surgiam constantemente nos discursos deles uma espécie de amargura, o sentimento de terem sido ludibriados, a mágoa pela perda de status e pela falta de consideração. Porque era partilhada pelos outros membros da família, tivemos uma enorme dificuldade para sair dessa representação da fábrica como polo repulsivo: tanto os cônjuges, que durante as

---

[3] É o caso, em especial, do paternalismo. A Peugeot imprimiu sua marca na paisagem industrial, geográfica (as vilas operárias construídas entre as duas guerras ou após 1945, as antigas Ravi, isto é, as mercearias Peugeot, as mansões das diferentes gerações da dinastia patronal) e intelectual dos operários locais. Durante muito tempo, o paternalismo protegeu e fez esses operários viverem.

[4] Sobre esse tema, ver Olivier Schwartz, "L'empirisme irréductible", em Nels Anderson, *Le hobo: sociologie du sans-abri* (Paris, Nathan, 1993), p. 265-308; e Stéphane Beaud e Florence Weber, *Guide de l'enquête de terrain* (Paris, La Découverte, 1997).

entrevistas vinham com frequência confirmar as palavras do entrevistado com um ou outro caso, como as crianças ou os adolescentes, que reivindicavam a recusa a serem "escravos" e o ódio pela fábrica ("Não sei por quê, mas aqui todo mundo tem alguma coisa contra a Peugeot", diz um dos alunos de ensino médio).

As entrevistas aprofundadas com OE menos politizados que os militantes, e sobretudo com jovens temporários de fora da região, permitiram relativizar a visão da fábrica que esses "antigos" nos davam. E foi cruzando sistematicamente essas entrevistas que pudemos enriquecer nosso ponto de vista. Para os jovens temporários que conheceram o "aperto", a grande fábrica aparecia como um local de trabalho desejável. Desse modo, saíamos de uma visão "interna" e politizada da fábrica, isto é, constituída a partir de sua história (história das oficinas, dos "chefes", dos militantes, dos confrontos) e habitada por uma memória coletiva política, tecida no decorrer do tempo. Memória essa que pesa fortemente sobre a reinterpretação dos eventos contemporâneos e tende de forma quase natural a opor uma idade de ouro (da juventude, das lutas, do salário acima da média, do orgulho dos operários Peugeot, em resumo, da força do grupo) aos tempos atuais, pensados unicamente em termos de degradação.

Outra vantagem da duração da investigação: ela opera como que um *comparatismo em ato*, permite captar as evoluções no tempo, acompanhar trajetórias individuais e certa trajetória coletiva. O passar do tempo faz o papel de variável de controle dos dados coletados em campo. As entrevistas tomam verdadeiramente sentido no interior da cronologia dos acontecimentos da investigação. A duração ajuda a romper com pares de oposições que, apesar de às vezes terem valor heurístico (estáveis/instáveis), impedem que se compreenda que os mesmos indivíduos estão sempre "divididos" entre vários polos. A observação de trajetórias profissionais ao longo de quatro anos permite ver, por exemplo, como certos operários se envolvem numa formação, desistem dela e afundam pouco a pouco ou, ao contrário, conseguem se restabelecer socialmente. Isso permite aplicar uma série de variáveis (oriundas do trabalho de campo) e provar seu valor explicativo.

Essa maneira de "trabalhar em campo" não pressupõe a existência de um grupo operário homogêneo ou a referência a um operário abstrato, mas, ao contrário, convida continuamente a reportar-se à história, a levar em consideração de maneira imediata e deliberada a morfologia de um grupo, seus diversos componentes, seu ordenamento (que muda sem parar no decorrer da história). Somente o acompanhamento no tempo das trajetórias individuais de membros dos diferentes subgrupos (operários especializados, operários qualificados, chefes de equipe e contramestres; homens e mulheres, franceses e imigrantes...) oferece meios para estudar a maneira como as identidades coletivas se desconstroem e se reconstroem em contextos que mudam rapidamente. A investigação de longa duração faz surgir pouco a pouco tempos diferentes na evolução dos indivíduos, das famílias, dos grupos profissionais, das instituições. Essas diferenças de tempo produzem descompassos e reajustes de identidade que, com o tempo, ocorrem com cada vez mais dificuldade, geram contradições, sofrimentos e aflições. Nesse sentido, a investigação sobre a transferência dos operários do acabamento para a nova oficina de Roupagem de Carcaça foi exemplar: mostrou que, se as reorganiza-

ções técnicas e hierárquicas se desenvolvem em ritmo muito rápido sob o imperativo dos ganhos de produtividade, as mudanças nas estruturas do grupo operário ou nas estruturas de personalidade evoluem de maneira muito mais lenta.

3. Militantes operários e operários "comuns"

Ao longo desses anos de investigação, nós estivemos regularmente presentes em campo (em especial nos meses de julho e setembro de cada ano). Fizemos numerosas entrevistas, realizamos diferentes tipos de observação (observação participativa no liceu profissionalizante e no centro de apoio ao emprego, observação não participativa no bairro onde residimos, no grupo de militantes, nas famílias operárias etc.) e mantivemos regularmente, cada um por si, um diário de campo. Na maioria das vezes, nós nos hospedamos na casa de Christian Corouge (ele morou de 1983 a 1992 num apartamento do conjunto habitacional e, a partir de 1992, numa casa), em quem nos apoiamos consideravelmente para realizar a investigação. Graças a ele e a sua esposa, conhecemos em condições muito diversas numerosos operários que trabalhavam em diferentes setores da fábrica e em pequenas empresas dos arredores. Partindo do núcleo dos militantes OE da fábrica (CGT e CFDT), nós nos afastamos pouco a pouco para conhecer operários e assalariados que não estivessem inseridos numa tradição militante. Tratava-se não de distanciar-se dos militantes – aliás, ao longo de toda a investigação (e ainda hoje) mantivemos relações estreitas com eles, relações agora mais de pesquisador e informante ou "aliado"[5] –, mas de poder coletar pontos de vista sobre a fábrica e o mundo operário que haviam se constituído de modo diferente. Assim, realizamos uma série de entrevistas com o que podemos chamar de "operários comuns", tanto homens como mulheres que não são nem porta-vozes nem representantes, mas falam por si mesmos. Nós os conhecemos como vizinhos, "conhecidos de conhecidos" (na fábrica, no bairro, nessa ou naquela associação) e em geral de improviso, apenas por força de nossa presença regular em campo (por "contatos" em festas locais, reuniões, partidas de futebol etc.). Essas entrevistas, de tom muito diferente daqueles feitas com os militantes, têm o interesse de entremostrar a existência de outra cultura operária, muito distante daquela encarnada pelas frações sindicalizadas e politizadas das fortalezas operárias[6].

---

[5] Revendo-os regularmente no campo, enviando-lhes textos que havíamos escrito e sobre os quais pedíamos sua "reação".

[6] Retomamos aqui as observações de Jean-Noël Retière: "A busca por uma comodidade de investigação, que logicamente, mesmo de maneira inconsciente, pode incitar à opção por campos habitados pelo número e apontados pela reputação, não basta para explicar essas escolhas. De fato, parece-nos bem mais determinante a representação que durante muito tempo os sociólogos fizeram do operário, impensável e inencontrável, exceto como encarnação da classe mobilizada: a partir daí, onde encontrá-lo a não ser nesses locais consagrados da produção e da residência propícios à mitificação que foram a mineração, a construção naval, a siderurgia... e os faróis mencionados? Não resta dúvida de que as pesquisas feitas nesses campos induziram a maneira como a cultura operária era percebida. O alto grau de institucionalização que o grupo apresentava aí não devia levar necessariamente o pesquisador a identificar o operário sob o uniforme do trabalhador fortemente integrado em seu universo profis-

Na maioria das vezes, interrogamos esses operários em suas casas, em seu local de residência, sem focar a questão do trabalho. Falávamos tanto da escola como da política ou do bairro, tentando ver, sobretudo, como esses diferentes temas se combinavam entre si, como "apareciam" em certos momentos, de determinada maneira, e como, em outros, não chegavam a ser expressos. Além da observação variada e regular das pessoas e dos lugares (meio familiar, diversos espaços públicos nos bairros formados pelos conjuntos habitacionais, espaços sindicais, cerimônias, festas e, em alguns momentos, nas oficinas da fábrica, como, por exemplo, durante a greve de 1989 e em visitas à fábrica), a técnica privilegiada, tanto na investigação sobre a fábrica como na enquete sobre a escola, foi a das entrevistas repetidas (durante anos) com diversas pessoas, prestando atenção nos desvios, nas variações, nos deslizes, no "jogo" entre o que é dito num primeiro momento e o que é dito depois. A repetição das entrevistas com uma mesma pessoa permite compreender, em especial, de que modo, com o tempo, os indivíduos ajustam e adaptam sua estratégia a novas situações ou a novas conjunturas, por exemplo: como se conformam ou tentam lutar, esboçam "golpes" em matéria de promoção ou desistem dela. E também como indivíduos podem ou não falar a respeito, "dissimulam", ou se escondem de si mesmos, e num desvio de conversa acabam "confessando", fazendo confidências. Por exemplo, a dificuldade para falar de uma busca de promoção na fábrica, da conquista de uma posição de chefe ou monitor, a hesitação em inscrever-se ou não na lista de representantes de oficina etc. Foi em torno em geral dessas variações, dessas hesitações, dessas tensões, que tentamos organizar o trabalho de reflexão.

4. O sentido das entrevistas

O risco inerente a todo trabalho sociológico realizado, principalmente, por meio de entrevistas e num período limitado no tempo é congelar as atitudes e os comportamentos, "sobreinterpretar", não dando atenção suficiente ao contexto dos discursos feitos naquele momento pelos entrevistados. A força (heurística) da entrevista etnográfica reside na possibilidade de uma imersão longa do pesquisador no meio pesquisado. Nesse tipo de trabalho, a repetição das entrevistas com as mesmas pessoas é uma espécie de substituto de uma presença longa em campo (materialmente impossível): a comparação de entrevistas efetuadas em momentos diferentes do tempo permite corrigir e relativizar interpretações fundadas numa única entrevista aprofundada e fazer surgir a ação do tempo, a influência da "conjuntura" (nacional e local). Na maioria das vezes, as entrevistas que realizamos estavam atreladas a uma observação atenta do que estava acontecendo durante a entrevista e em torno dela. Demos muita atenção à situação da investigação, isto é, às relações de forças (ou de troca) que se estabelecem entre o pesquisador e os membros do grupo que ele pesquisa. As entrevistas não aparecem –

sional ou ainda sob o uniforme do militante sindical ou do homem de partido?", Jean-Noël Retière, "Regards sur la sociabilité en territoire ouvrier", *Cahiers du GRHIS, Sociabilité et culture ouvrières*, Universidade de Rouen, n. 7, 1997.

ou não aparecem somente – como a ilustração de um modelo teórico previamente construído, mas antes são um instrumento essencial de investigação, uma ferramenta de construção de hipóteses sempre em transformação, como uma espécie de trampolim para a reflexão. A reflexão sobre as identidades remete incessantemente à reflexão sobre as estruturas sociais e à maneira como estas se transformam com o tempo. Pois o que nos interessa é, em outras palavras, a ligação entre o "subjetivo", que se capta bem nas entrevistas, e o "objetivo", tal como se pode circunscrever pelo estudo de uma documentação estatística, por documentos escritos. É o jogo também entre o que pode ser dito em certo momento num certo "contexto" e que não pode ser dito em outro, mas talvez o seja mais tarde, num "contexto" diferente[7]. Portanto, a análise da forma e do conteúdo de uma entrevista não pode ser separada do conhecimento da história do grupo considerado e de uma reflexão mais ampla sobre seu modo de existência. O recurso às entrevistas obriga a apreender junto a relação com o trabalho, com a formação, com a política, com o futuro, e não a delimitar os diferentes campos da existência. Parece capital, por exemplo, cruzar várias entrevistas reportando-se a um mesmo processo e pesquisar documentos mais objetivos reportando-se a esse processo. Ao mesmo tempo, entrevistar de novo as mesmas pessoas é buscar romper com a ideia de que se deve "arrancar" a verdade das pessoas entrevistadas.

5. Trabalho e além-trabalho

Desde o início do trabalho que realizamos em Sochaux, nós adotamos uma perspectiva que não era a da empresa, a de seus problemas e "necessidades", ao contrário do que fazem muitos economistas e sociólogos, mas sim de um "grupo" social, do grupo operário, da desconstrução–reconstrução das identidades coletivas e individuais dos membros do grupo. Devemos insistir no fato de que nosso trabalho não teve ligação com a empresa ou com a direção da Peugeot. Não solicitamos nenhuma autorização para entrar nas oficinas. Isso parecia impossível nos anos 1980, dadas as circunstâncias (o trabalho anterior com Christian Corouge havia sido publicado e havia circulado na empresa) e também a tradição da Peugeot de se fechar para os pesquisadores ("sigilo", proibição muito mais clara em relação às ciências sociais). Mas usamos muito a rede sindical que havíamos formado ao longo do tempo, o que nos permitiu ter acesso à abundante literatura que circulava na empresa e nas oficinas: de um lado, os jornais da empresa (em especial o *Journal d'Information Peugeot* e os documentos divulgados pelo controle) e, de outro, os panfletos sindicais (CGT, CFDT, mas também FO, CTC, Siap), gerais ou "setoriais" (panfletos distribuídos unicamente num setor). Graças a militantes sindicais, membros do comitê de empresa, tivemos acesso às atas das reuniões bimestrais do comitê. Essas atas, taquigrafadas e integralmente retranscritas, são documentos riquíssimos para captar a atmosfera das relações sociais na empresa. Vemos opor-se aí a palavra administrativa à palavra militante, ficamos sa-

[7] É claro que essa forma de refletir implica também que o pesquisador fale do modo como ele próprio está implicado na entrevista, na vida do grupo operário.

bendo como, para os militantes, os desafios se hierarquizam etc. Ainda que no trabalho de reconstituição dos dados de campo nós tenhamos privilegiado as entrevistas com os operários, estas foram conduzidas em estreita relação com a série de informações evocadas nessa documentação.

Portanto, não efetuamos observações no local de trabalho, mas pudemos conhecer as oficinas em nossas numerosas visitas à empresa (organizadas todos os dias no centro industrial de Sochaux) e durante a greve de 1989, quando os militantes sindicais nos colocaram dentro da fábrica[8]. No âmbito da pesquisa sobre o trabalho na fábrica, procedemos por meio, sobretudo, de entrevistas que realizamos fora dela, na maioria das vezes na residência dos entrevistados (operários, mas também agentes de controle e executivos). Uma das especificidades das entrevistas com os operários da fábrica deve-se ao fato de que não foram conduzidas numa perspectiva estrita de sociologia do trabalho, uma vez que as perguntas nunca se restringiram ao que acontecia no mundo da oficina. Ao contrário, tentamos de imediato estender as perguntas aos problemas relacionados ao futuro individual e familiar, ao emprego, à escola, à formação, à vida familiar, enfim, à esfera do "além-trabalho". No próprio transcorrer da entrevista, os entrevistados passavam insensivelmente de um tema para outro (quando não havia controle, vigilância ou censura[9]), vinculavam os problemas da vida ao trabalho na fábrica, à maneira como vivem suas vidas em casa, fora da fábrica, em família, ao modo como se sentem "presos" nas redes de sociabilidade, como foram escolarizados, como viveram ou ainda vão viver. Assim, aquilo de que falávamos quando abordávamos a questão do trabalho era também, e indissociavelmente, a questão da relação deles com o futuro.

Paradoxalmente, parece que encontramos mais violência e *páthos* no discurso dos operários contactados no âmbito da pesquisa do Ministério do Trabalho[10] que no dos sindicalizados acionados pela rede militante. Os operários próximos dessa rede e em geral sindicalizados não são os que se exaltam com mais violência contra a fábrica, em todo caso, não numa primeira entrevista. Esse "paradoxo", no fundo, explica-se com facilidade. Os operários contactados pela rede militante pressupõem que os pesquisadores conhecem certo número de coisas a respeito da fábrica, a lógica de conjunto que regula seu funcionamento e sua evolução, o desenvolvimento de seus grandes "problemas", tal como definidos e recortados comumente – automação, produtividade, espaço para o sindicalismo, relações de forças dentro da fábrica. Por isso, muitos em

---

8 Ver o relato de observação que fizemos em Stéphane Beaud e Michel Pialoux, "Permanents et temporaires", em Pierre Bourdieu (org.), *La misère du monde* (Paris, Seuil, 1993), p. 317-29. [Ed. bras.: *A miséria do mundo*, 5. ed., Petrópolis, Vozes, 2003.]

9 Como acontece com certos sujeitos entrevistados (técnicos, agentes de controle), que conhecem profissionalmente, de certo modo, a necessidade de separar bem a questão das condições de trabalho da questão relativa às outras esferas da vida.

10 No âmbito da investigação sobre as pós-condições de trabalho, entrevistamos pessoas que, um ano antes, haviam respondido a um longo questionário do Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos sobre as condições de trabalho. Quando o primeiro questionário foi passado, eles aceitaram ser entrevistados novamente no âmbito de uma entrevista aprofundada.

geral só falam sobre certo número de pontos por alusão, atribuindo conhecimentos ao entrevistador que nem sempre este tem, pressupondo entre entrevistado e entrevistador uma espécie de conivência de ordem política (que habitualmente não é desmentida...). Conhecendo mais ou menos nosso status de professores universitários e sabendo que trabalhamos já há um bom tempo em Sochaux, eles se veem levados, na verdade, a evitar os discursos genéricos demais e quase a desconfiar deles. Ainda que empreguem certos estereótipos, seu discurso não é "vazio". Remete a realidades vividas por todos: empobrecimento, cansaço, medo, sentimento de humilhação. Retoma uma temática conduzida e articulada nos e pelos panfletos (que em Sochaux, devemos insistir, não é vivida como uma temática imposta "de cima"). Existe nesses operários próximos do polo militante uma relutância em abordar outros temas além daqueles evocados pelos panfletos, em especial os que poderiam contribuir para quebrar a imagem de um grupo relativamente solidário ("ciúme", "questões pessoais", "desavenças" ou ainda "rivalidades") e ameaçam passar a imagem pouco digna de um grupo esfacelado por lógicas de concorrência ativadas pela direção; ou de um grupo pego numa lógica de rebaixamento social (álcool, formas diversas de miséria). Aliás, são perfeitamente compreensíveis as razões que, no nível existencial ou identitário, impelem os sindicalizados a, de certo modo, negar-se a concentrar sua atenção nessas questões. Portanto, é preciso muito tempo até que se suspendam certas censuras sobre esses temas. Embora sejam pródigos em "casos", em especial os que põem os agentes de controle (os "chefes") em questão, muitos falam de suas condições de trabalho com precisão, mas, como por pudor, hesitam em se lançar num discurso violentamente denunciador, que sentem que pode ricochetear e atingi-los, a eles ou ao grupo "deles".

Já os operários contactados no âmbito da pesquisa sobre as pós-condições de trabalho, depois de desfazerem certas preocupações iniciais e se certificarem de que o pesquisador (nesse caso, Michel Pialoux) não era um agente da empresa, falam da fábrica e das relações de poder dentro dela, em geral, com uma brutalidade e uma violência que surpreendem, e que, apesar de não termos encorajado, também não tentamos conter. É como se a situação de entrevista deixasse a porta aberta para uma lógica de denúncia das práticas da fábrica que remete a um sentimento de degradação multiforme (mas sempre presente) e à expressão de um sofrimento relativo ao presente (embora contido) e de uma preocupação relativa ao futuro. Num primeiro momento, essa denúncia parece ser feita mais no registro ético do que no registro diretamente político. Em geral, tem-se a impressão de que a pessoa entrevistada se dirige, antes de mais nada, ao senso moral do interlocutor (nesse caso, o pesquisador), quando denuncia a facilidade com que a empresa desrespeita regras "elementares" de justiça às quais o pessoal estava acostumado, recusa-se a manter as promessas que fez e pratica uma política "arbitrária", de "favoritismo": as escolhas que parecem "racionais" numa lógica administrativa são fatalmente percebidas, aqui "embaixo", como "arbitrárias".

O que também impressiona é que as discussões com os militantes sindicais do sexo masculino quase nunca ocorreram num quadro de discussões em família. Na maioria das vezes, quando a esposa estava presente, ela permanecia calada ou participava com comentários soltos meio ao acaso na conversa. Na investigação sobre as pós-condições

de trabalho, a situação quase sempre era diferente. O encontro envolvia, geralmente, outros membros da família e, em primeiro lugar, o cônjuge. Muitas entrevistas, iniciadas por volta das 15 horas (por causa do turno de 2x8), prosseguiam até às 18 ou 18h30 na presença de outros membros da família, e em geral depois que o gravador havia sido desligado... E, de fato, era toda a situação do grupo familiar que estava envolvida na questão: sua história, seu passado, suas dificuldades atuais, mas também suas perspectivas de futuro.

Enquanto os militantes operários excluem "casos" e "histórias" pessoais, e prudentemente deixam de lado "histórias" de relações conflituosas entre assalariados de mesmo nível – disputas por postos de trabalho ou promoções mais ou menos perdidas –, nas entrevistas para a pesquisa do Ministério do Trabalho esses casos e histórias aparecem bastante rápido e de maneira quase "natural". Basta que o pesquisador estimule o interlocutor com perguntas que manifestem interesse por certo tipo de "detalhe", demonstre por sua atitude e por seus gestos que não vê essas "historinhas" como mexericos sem importância, mas, ao contrário, como casos significativos. Portanto, é evidente que, numa investigação desse tipo, o problema do "lugar" do pesquisador, da posição objetiva (como também subjetiva) que ele toma, da definição que seus interlocutores fazem dele, da percepção que tem de seu papel, de seu poder, é central. Daí vem, por exemplo, a importância da carta de apresentação (na qual ele se define mais como representante da administração pública ou mais como professor universitário, mas em ambos os casos como agente do Estado...).

6. O trabalho sobre a escola

Para estudar a relação das famílias operárias com a escola, nós procedemos essencialmente por entrevistas aprofundadas, às vezes repetidas, com pais operários[11]. Em sua maioria, os pais trabalhavam na fábrica de Sochaux. As famílias residiam nos dois principais bairros formados por conjuntos habitacionais (Grandval e Hauts-de-Court). Havia nessas entrevistas uma forte recorrência de temas: as dificuldades do acompanhamento escolar, o embaralhamento das classificações escolares, certa perplexidade em relação ao funcionamento das escolas, uma visão muito crítica do trabalho dos professores, o medo do futuro etc. Foi por essa razão que nos pareceu importante enfatizar duas entrevistas na análise, realizadas com um ano de intervalo, com aqueles que chamamos de Jacques e Mireille (capítulo 5). A riqueza e a pertinência das questões que essas entrevistas suscitaram nos incitaram a interpretá-las de forma aprofundada. Aliás, elas serviram de fio condutor na reflexão sobre as relações entre a escola e o bairro. Utilizamos também uma longa entrevista com três mães de alunos, representantes da FCPE, igualmente muito rica para a investigação. Reproduzimos

[11] Paralelamente à investigação por entrevistas e observações, nós realizamos em 1992 uma investigação por questionário com 1,2 mil alunos de 15 escolas de ensino fundamental da região de Montbéliard. Dirigia-se a alunos de oitava série no momento em que estavam saindo do ginásio. Tratava, em especial, dos desejos e das aspirações desses alunos (dois terços deles eram filhos de operários) em relação aos estudos.

apenas certos excertos dessas entrevistas, embora apenas o todo permita apreender com mais exatidão (em especial pela maneira constrangida, embaraçada, elíptica de falar dessas questões) a visão complexa e contraditória que os pais têm da escola e do futuro de seus filhos.

Os pais entrevistados são os que aceitam entrar no jogo da investigação[12] e, mais exatamente, ousam enfrentar as perguntas do entrevistador e se sujeitam à prova de uma entrevista sobre um assunto que, como tudo que diz respeito diretamente à escolaridade dos filhos e indiretamente à deles, coloca-os na desconfortável posição de "dominados". É preciso ter um mínimo de recursos sociais e simbólicos para colaborar com a investigação; consequentemente, todos os pais operários que entrevistamos pertencem àquela fração de pais mais envolvidos com a escolaridade dos filhos, portanto mais aptos a dizer algo sobre esse tema[13]: eles militam de perto ou de longe na associação dos pais de alunos (a FCPE) e formam grupos de interconhecimento no nível do bairro ou da cidade. Assim, as outras famílias do bairro encontram-se fora do campo da pesquisa etnográfica. Pode-se supor legitimamente que os resultados obtidos com esses entrevistados – mais diplomados que os outros (em especial no caso das mães), mais informados sobre a situação escolar, em contato mais direto com o mundo do ensino, mais por dentro das carreiras e das estratégias escolares etc. – valem *a fortiori* para as outras famílias operárias. A aflição e a incerteza diante do futuro, o sentimento de impotência diante das novas exigências escolares crescem à medida que aumenta a distância das famílias populares em relação à cultura escolar. No decorrer da investigação e das estadas em campo, vimos que a situação de observação era o meio mais adequado para captar de perto as práticas escolares e compreender a relação das famílias populares com a escola. Todavia, o trabalho indireto de observação parece difícil de reconstituir. Alojando-se várias vezes com uma mesma família, compartilha-se de parte de sua vida cotidiana, situação que permite observar naturalmente as práticas comuns (alimentares, culturais, corporais). Algumas podem ser descritas e analisadas com facilidade; em compensação, as que dizem respeito à questão da educação dos filhos, e em especial à escola, parecem mais "particulares". Descrevê-las acarretaria tornar públicas práticas que levam a penetrar amplamente na intimidade social da família e revelam atitudes "instintivas", herdadas diretamente dos pais ou dos avós e profundamente enraizadas num "*habitus*" familiar transmitido a várias gerações. Essas práticas educacionais e culturais observadas no núcleo familiar

---

[12] A investigação estatística evita o principal viés de qualquer investigação etnográfica sobre a relação das famílias populares com a escola, e concerne apenas a uma população reduzida e fortemente pré-selecionada. Ver a riquíssima investigação do Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos dirigida por F. Héran, "Efforts éducatifs des familles", *Résultats INSEE*, set. 1994; ou, mais distante no tempo, a investigação realizada por F. Bonvin e J.-C. Chamboredon sobre os processos de difusão cultural, *Transmission culturelle et utilisation des instances de diffusion culturelle* (Centro de Sociologia Europeia, mimeografado, 1973).

[13] Pais imigrantes também se envolvem com a escolaridade dos filhos, mas o contato com o entrevistador raramente resulta numa entrevista gravada, por causa do obstáculo da língua ou, mais precisamente, do constrangimento provocado pelo domínio inseguro do francês.

são aquelas mesmas a partir das quais o sociólogo, depois de atravessar as portas do domicílio de seus anfitriões, pode avaliar em seu trabalho de investigação a distância e a inadequação em relação aos valores do sistema escolar, aos preceitos aplicados nas famílias que possuem um forte capital cultural. De um lado, a observação – limitada no tempo – permite entrever a profundidade social das técnicas de educação. De outro, é particularmente difícil nesse caso passar da observação para o diagnóstico ou aconselhamento. De fato, por seu trabalho de observação, o pesquisador é levado a avaliar rapidamente os prováveis "custos" (posteriores) dessa educação sobre o sucesso escolar dos filhos, mas não pode passar para os pais os frutos desse trabalho. O esforço de objetivação e de restituição do sociólogo chega aí ao seu limite: descrever práticas educacionais e culturais da esfera privada permite desvendar os aspectos da existência social mais ocultos na identidade de classe (uma identidade e um "senso de classe" que se formaram ao longo de várias gerações, no cruzamento da história familiar com a história sociopolítica e nacional do grupo operário). Observa-se aí o que certamente existe de mais "transmitido", mais "adquirido" na personalidade social (pensamentos automáticos, reflexos sociais, atitudes "instintivas"), transmitidos naturalmente aos filhos.

ANEXO 2

QUADRO CRONOLÓGICO

Cronologia para o estudo das transformações do grupo operário na região de Sochaux-Montbéliard (1880-1994)